

CENÁRIOS 2º GUERRA MUDOU A FEIÇÃO DA CIDADE E UM ROTEIRO DOS SÍTIO HISTÓRICOS PODE ATRAIR VISITANTES

RN abre mão do turismo histórico

GABRIELA FREIRE
DA EQUIPE DO DIÁRIO DE NATAL

Com a sua atividade turística, basicamente sustentada pelo binômio "sol e mar", Natal, ao longo dos anos, tem deixado escapar a oportunidade de fomentar novos negócios, a partir da exploração do chamado "turismo-histórico" e perdido sua memória. Que Natal é uma cidade abençoada pela natureza, ninguém duvida. Mas Natal, além de bela, teve seus momentos de glória. Em razão exatamente dessa localização geográfica, que a colocou em meio ao maior conflito da história, que foi a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a cidade escreveu seu nome no cenário mundial. Ao servir de apoio às tropas americanas que se dirigiam aos combates na Europa e África, Natal contribuiu, de forma significativa, para o sucesso dos aliados.

Aqui, em 1942, foi construída a maior base americana fora dos Estados Unidos. Aos cerca de 35 mil natalenses daquela época se juntaram mais de 10 mil soldados americanos, fato que alterou a feição da cidade. Uma das alterações que chamou a atenção dos natalenses foi a construção de uma rodovia, onde hoje vemos a BR 101, que ligou o centro da cidade até Parnamirim. Poucos são os documentos oficiais arquivados que registram a primeira estrada de asfalto do RN. Conhecida como "a pista", diminuiu o tempo do percurso entre Natal e Parnamirim de três horas para cerca de 25 minutos.

O analista de sistemas, Manoel Marinho Neto, 42, que tem como hobby pesquisar fatos curiosos do período da Segunda Guerra Mundial, conta que para se chegar em Parnamirim, os natalenses faziam um percurso que passava por Macaíba. "Se não fosse essa pista velha, Natal teria crescido para a Zona Norte. Foi ela que deu origem à Zona Sul de Natal", defende. Pelo levantamento que fez, Marinho pontua que a estrada foi construída no tempo recorde de aproximadamente três meses. "Todo o material veio dos Estados Unidos. Já a mão de obra empregada foi potiguar", conta.

"A pista" começava na frente do atual Mercado de Petrópolis e seguia até a entrada da Base Aérea de Natal.

O traçado da via, que tinha mão única, é similar ao da atual BR 101. Sua extensão foi coberta pelo asfalto do alargamento e das construções que surgiram ao longo da rodovia. Depois de quase 70 anos, dois pequenos trechos permanecem sob o sol: um maior, com cerca de 500 metros, está entre um condomínio residencial em construção próximo a Emaús e o sinal de acesso à Avenida Maria Lacerda. O trecho, sem saída, conserva o mesmo material utilizado naquela época: uma mistura de pedra com asfalto tão resistente que se mantém intacto ao longo desses anos.

O segundo trecho é cruzado diariamente por dezenas de veículos que desconhecem valor histórico daquele asfalto. Fica de frente à distribuidora de produtos Kero-Kero, metros antes do pórtico dos Três Reis Magos. Nos dois casos podemos observar a forte mistura que compõe a estrada. De acordo com Marinho Neto, um terceiro trecho foi soterrado há pouco tempo. "Precisamos preservar o nosso passado. Com a ampliação da BR 101, vamos perder esses trechos de memória", alerta Marinho Neto.

Para o analista de sistemas, o maior problema do povo potiguar é que ele não tem memória. Para concertar isso, está lutando desde 1998, junto ao Ministério Público, para conseguir antes viva a memória do tempo em que os americanos fizeram história na cidade. "O meu sonho era que eles mantivessem tudo como está e ainda fizessem o trecho de ponto turístico histórico. Mas sei que é difícil. Eles podiam pelo menos construir um marco, registrando como aquele trecho foi importante para o desenvolvimento da cidade", destacou.



Ana Amral/DN



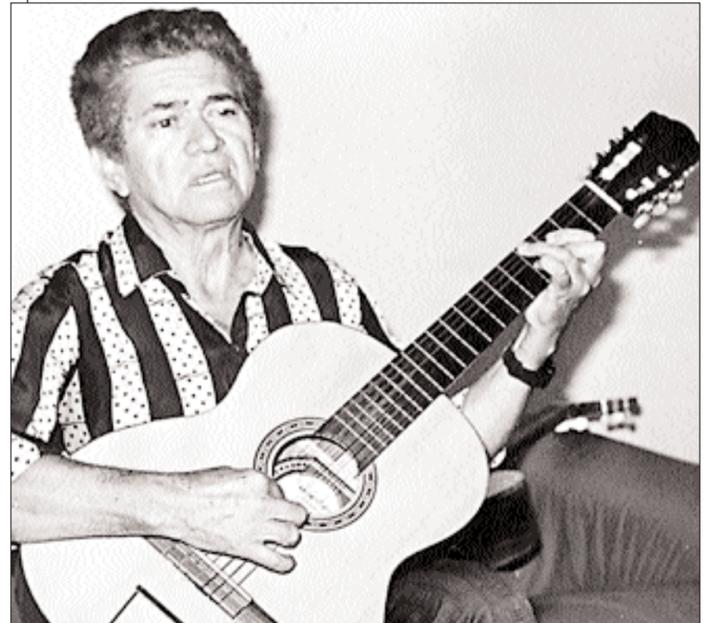
Trecho da BR 101 com um pouco do que restou da primeira estrada feita para ligar Natal a base aérea de Parnamirim nos tempo da 2ª Guerra Mundial

PERSONAGEM DA NOTÍCIA

PAULO TITO, CANTOR

O cantor Paulo Tito, 78, viu com os próprios olhos as maravilhas narradas por Marinho Neto. Por isso, lembra bem da construção da rodovia que ligou o Centro da Cidade à Parnamirim. "Era um monte de carros grandes. Com uns pneus de ferro bem fortes. Para quem não era acostumado nem a ver carro, que na cidade tinha pouco, ver aquilo era fascinante", narra. Mesmo sendo criança, lembra das vezes que pedia para o pai levá-lo para passear na "pista". "Era tão linda que eu pedia para papai me levar para passear na pista. Eu ia e voltava tão feliz. Coisa de menino pobre, que nasceu nas Rocas e nunca imaginou ver aquele tipo de coisa", recorda. "Dom esmo jeito que as pessoas vão passear no shopping hoje me dia, eu ia passear na pista", compara. Paulo Tito gostava de ir correr na rodovia asfaltada e de ver os jipes que trafegavam da Ribeira para a Base Aérea de Natal. "Tinha aqueles americanos que a gente só via no cinema. Eram altos, loiros e de olhos azuis. Eu achava a coisa mais linda de se ver, ainda mais eu, que era acostumado a ver o povo feio, sem pescoço e de bunca batida que andava pelas Rocas", diverte-se. As lembranças de Paulo ficam um pouco confusas - "junta que eu era muito criança e a idade não é" - mas ele bem que se recorda da choradeira que tomou conta da cidade com o fim da II Guerra Mundial. "Foi um chororô danado. O que era de mulher chorando e ninguém entendia. Depois, começou a nascer lá pelas Rocas um monte de menino loirinho, olho azul", conta.

Arquivo DN



A COLUNA QUE DÁ DE COLLEADA NA CONCORRÊNCIA.

Coluna de notícias, artigos e comentários que traz o melhor do jornalismo potiguar. É a coluna que você não pode deixar de ler.

ESPORTES

Dribis Curto

América é causa da Copa São

DIÁRIO DE NATAL

ANUNCIE: 4009.0220

Grevy/Divulgação

Estrada que ligava Natal a Parnamirim, a chamada Ponte Velha, numa foto de época



ASSINE O DN SERIDÓ

4009 0220

PROCURA-SE CAETANA FOX PAULISTINA

De 1 ano, fugiu de Praia de Camurupim na Segunda-feira do Carnaval. Gratifica-se com o abraço e o carinho de uma criança com CA. Uger Jr. Marcon de Natal.

F: 9991-0078 / 9422-8859 / 3207-8304

Dnit cataloga achados na BR 101

O superintendente regional do Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes (DNIT), José Narcélio Marques, explicou que toda a obra de adequação de capacidade de BR 101 dentro do estado é acompanhada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). E o instituto não considera a rodovia, ou "pista velha" como parte do patrimônio histórico que devia ser observado.

"Ao longo do percurso, o IPHAN detectou uma série de sítios arqueológicos com um material muito rico. Pedações de cerâmica produzida por povos indígenas e até europeus. Uma variedade grande de material. Todos esses achados foram loteados e será catalogado", disse. De acordo com José Narcélio, e com informação exclusiva para o Diário de Natal, o superintendente regional do DNIT adianta que o objetivo é abrigar todo o material encontrado em uma sala, que se transformará no museu da BR 101.

José Narcélio explica ainda que para fazer qualquer tipo de mudança no projeto original visando a adequação do projeto de preservação da "pista velha", um grande montante de dinheiro seria necessário. "Isso representaria um custo muito elevado e ainda teria que modificar todo o traçado da rodovia. É complicado", ressaltou.

Ele explicou ainda que o maior trecho da "pista velha", localizado próximo a entrada do conjunto Cidade Satélite, e os demais, e encontram onde passará a marginal da BR 101. "Mesmo que a gente fosse manter aquele trecho, teríamos que reforçá-lo para que ele pudesse suportar o tráfego que passaria por ele. Para isso, teríamos que passar um camada de asfalto, o que no fim, não representaria a sua conservação", disse.